

PÓS-DOCTORADO: uma trajetória de leitura, 1991, Londres

Solange Puntel Mostafa
PUCCAMP

RESUMO:

MOSTAFA, Solange Puntel. Pós-Doutorado: uma trajetória de leitura, 1991, Londres.

Trans-in-formação, 3(1,2,3): -, 1991.

A metáfora da Sociedade de Informações com uma sociedade de balcões elucida uma das principais características do momento atual da produção social, onde a circulação e a produção de mercadorias se aproximam. Desenvolve a análise da mercadoria de um ponto de vista materialista para ser possível tocar na questão do valor da informação, segundo a teoria do valor-trabalho, distanciando-se assim das análises pós-industrialistas que, segundo a autora, idealizam a Informação e a Sociedade de Informações. Trata-se de recuperar a materialidade do conhecimento, entendido que o conhecimento ou as Informações são sempre sobre mercadorias, pouco importando a questão da palpabilidade das informações ou das mercadorias que as informações geram.

Unitermos: Mercadoria, balcões, trabalho, valor da informação, economia política da informação.

Cosmopolitismo seja talvez a palavra-chave para identificar hoje algumas cidades européias ou americanas (inclusive sul-americanas). O ocidente tomou conta do mundo. Hoje, sabe-se que o capitalismo é tido por um "processo civilizatório" como é a expressão de alguns sociólogos. A ocidentalização é hoje um fato só questionável por carismas do porte de um Komeini, Kádafi ou

Hussein. Digo questionável porque irreversível. O referencial teórico para a compreensão das autoridades carismáticas é Max Weber. Eu fico com o ocidente. Identifiquei-o como Sociedade de Balcões no final da minha estada na Inglaterra. E para tal, procedi à releitura d'**O Capital**, onde já no prefácio, Marx entendia ser a sua tarefa a de analisar os dois processos básicos da sociedade capitalista: a produção e a circulação de mercadorias. Esclarecia também o autor que o palco de fundo para tal análise era a Inglaterra, por terem ali se desenvolvido, com mais vigor do que na Alemanha, as tais relações capitalistas da produção social.

A minha pergunta de fundo era a seguinte: como é possível que uma sociedade que fez a Revolução industrial, exportando-a para o mundo, hoje, se diz improdutivo e pós-industrial? Avanço ou retrocesso? A proliferação dos museus na Inglaterra que alguns arriscam ser da ordem de um museu a cada 15 dias faz crer que, de fato, as fábricas, hoje, viraram museus. Mas, então quem produz? E, afinal, a Inglaterra produz o quê? Os apologistas da Sociedade de Informações não tem dúvidas: produz informações! Por isso, orgulhosos, MOORE & STEELE escreveram **Information Intensive Britain**, texto de dois bibliotecários. Os ingleses da área de informações não estão nem um pouco preocupados em desvendar as matrizes neo-liberais da Sociedade de Informações. Ao contrário, o mais comum são as apologias pós-industrialistas. Um ou outro questionamento, se houver, vem de autores de áreas paralelas, sociólogos ou comunicadores, a exemplo de LYON e SCHILLER.

Assim tentei, com o texto que se segue, repor, e logo, a questão. Primeiro, identificando-a com Sociedade de balcões e depois, precisando-a como Sociedade do Trabalho.

I. SOCIEDADE DE INFORMAÇÕES: sociedade de balcões

A metáfora da sociedade de informações como sendo uma sociedade de balcões ajuda a desmistificar o trabalho com informação, bem como as ideologias informacionais.

Vivemos hoje numa fase da produção capitalista dita pós-moderna. Nessa fase primeiro a gente mostra e depois faz. Há uma anterioridade da venda em relação à fabricação, à confecção da coisa. Inclusive da coisa informação. Hoje, primeiro vende-se. Depois fabrica-se. Ora, se primeiro a gente mostra e depois faz, mostra o quê? Mostra informação. Daí a ilusão de percepção a que querem nos conduzir os pós-industrialistas ou pós-modernos: eles querem nos esconder a mercadoria e fazer da mercadoria-informação, a mais valiosa de todas.

A Sociedade da Informação esconde o que está por trás do balcão, pois valoriza o processo de venda numa dimensão tal que é como se o produto não existisse. Se existe, ninguém viu. O gato comeu. O fogo apagou. A Sociedade da Informação valoriza só o consumo da produção social, consumo fictício porque apenas informacional. Informação é poder. Informação é dever. Informação é a melhor coisa que existe nessa vida. Chamo de Sociedade da Transação. Sociedade de balcões. Sociedade de vendas. Sociedade que ao esconder o produto, prefere falar em informação. Sempre só em informação. E a coisa do balcão fecha o cenário de uma grande enganação: a imagem do mundo está valendo mais do que o mundo mesmo. Diz-se que a pós-modernidade é a idade da imagem do mundo. A modernidade era só o mundo mesmo. A pós-modernidade lida com o imaginário do mundo. Nas artes, na literatura, na filosofia, nas ciências, na economia, em tudo há sinais de pós-modernidade. O moderno era só o verde-amarelo. A pós-modernidade é colorida e tridimensional.

É como se não houvesse mais produtos, nem indústrias (pós-industrial, pós-petróleo, pós-capitalista, pós-civilização, pós-mercadoria, pós-protestante, pós-sociedade); a única coisa que realmente importa é a informação. Portanto, no balcão da Sociedade da Informação vendem-se, não por acaso, também e coincidentemente, informações. A lojinha do Museu Britânico, o postal mineiro do Aleijadinho, a fotografia dos nossos corpos, o vídeo, o cinema, tudo o que é representação do mundo vale mais do que o mundo mesmo. As peças do museu são só pretexto para as artes gráficas nos apresentarem fotos, mentiras e videoclip na lojinha do

museu da Sociedade da Informação. No mundo real cada um de nós é de um tamanho e tem um peso. Mas na foto, no filme ou no vídeo a gente sai colorido e dependendo do ângulo alguns engordam, outros emagrecem. É o milagre dessa sociedade mística, fictícia e cheia de imaginação (lê-se informação).

À mesma imaterialidade da mercadoria (do produto, das coisas, do mundo, da realidade) corresponde à imaterialidade do capital, que, nesse fim de século, tornou-se também fictício: um telefonema põe e dispõe dívidas internas e externas entre as nações. A essa imaterialidade do capital, diz-se capital financeiro ou especulativo. Capital de mentirinhas, de especulações, de informações. Num mundo que valoriza tanto a informação, fica difícil para nós acreditarmos que existem mercadorias e, mais difícil, ainda acreditarmos na materialidade do conhecimento, isto é, que as informações são informações sobre mercadorias. Difícil acreditar que nos balcões da Sociedade de Informações há produtos para serem consumidos e produtos que, valha-nos Deus, são reais mesmo; foram produzidos sim com matéria-prima e suor humano. Depois rebocados e pintados. Para poder serem vendidos nos balcões eletrônicos da Sociedade de Informações (não sem antes ensinar Marketing e Software nas Universidades).

A Sociedade de Informações valoriza a imagem do mundo e sua tridimensionalidade (o artista da tela já sai do filme e senta com a gente na platéia, imaginem...); a fotografia, o cinema, a tv ou as bases de dados são as imagens de nós mesmos. Nossas representações. O fato é que ainda não dá para vivermos sem corpo, sem matéria. Habitamos a Terra. Temos corpo. Fazemos regime de vez em quando. E vez por outra dói. Moral da estória: Sociedade de Informações ou da enganção?

A pós-modernidade não conseguiu destruir ainda a mercadoria, essa categoria apenas moderna. Com tanta pós, a mercadoria não só antecede a pós-modernidade como a perpassa, soberana.

Os pós-industrialistas, no entanto, altivos e pós-graduados envergonham-se da moderna-mercadoria. Ninguém fala dela. Em cima do balcão fica só o super-mercado, isto é, o impalpável: as

notas, o crédito, as transações, o marketing, os dados e as bases dos dados. Numa palavra: a informação. A mercadoria mesmo desaparece debaixo do balcão. Sem ela, no entanto, o balcão não existiria. Pois o maior e mais óbvio pressuposto da Sociedade de Informações é a mercadoria.

Mas a mercadoria era também pressuposto industrial. Indústria que se preza, produz o quê? Produz mercadorias. Em grande quantidade e de todas as cores. Pequena e feita à mão é coisa medieval, coisa de artesanato. Indústria faz de montão. Temos portanto 200 anos industriais produzindo mercadorias, desde xícara para tomar café, fralda de nenê e bexiga de aniversário até mercadorias menos efêmeras tipo sofá, geladeira, carro e fogão. Bibliotecários diriam as mercadorias-livro; donos de supermercado diriam as mercadorias-macro e analistas diriam as mercadorias-micro.

Marx inicia o livro mais famoso do mundo assim: "A riqueza das sociedades onde rege a produção capitalista configura-se em 'imensa acumulação de mercadorias', e a mercadoria, isoladamente considerada, é a forma elementar dessa riqueza. Por isso, nossa investigação começa com a análise da mercadoria". (MARX, 1857: 42-3).

Ora, se a mercadoria é a forma elementar da riqueza das nações, como pode a Sociedade de Informações pretender ser uma sociedade sem mercadorias e apenas com informações sobre as mercadorias? Não há aqui uma sobrevalorização do balcão?

A Sociedade de Informações é um grande balcão e qualquer que seja a mercadoria ali vendida, seja sapato, disco, gilete ou fita cassete, se trata de aproximar o cliente da mercadoria através do balcão. Claro que o balcão tem que ser "databaseado" porque baseia-se nos dados do cliente e nos dados da ...mercadoria, também chamada de estoque. Isso no plano das vendas. No plano da produção de mercadorias, há respeitabilidades a serem reverenciadas, por exemplo, a chamada informação científica e tecnológica, supostamente uma informação mais nobre do que as do balcão de informações acima. É tal o misticismo dessa ICT que a gente nem acredita que ela se presta à produção de papel higiênico e sabonete. Não que essas mercadorias não nos sejam úteis. Utilidade, já vimos,

é a primeira das propriedades da mercadoria. Mas é a relevância da informação sobre a mercadoria, como se pudéssemos viver só com a informação da coisa, o que mais irrita os últimos materialistas do século.

A Sociedade de informações tem os pés cansados.

Esses pés cansados muito já plantaram, muito já colheram; o sétimo dia é para rezar e descansar. Sociedade do lazer. Nada de trabalho pesado. Daqui a pouco é proibido trabalhar na sociedade de informações, tão leve ela está ficando. Mais um pouco e ela voa...

Dizem uns (BELL, 1973 e NAISBITT, 1991) que essa sociedade veio para substituir o Trabalho e o Capital. Os autores dessa sociedade não poupam críticas a Marx acusando-o de imprecisão e falta de previsão quanto ao crescimento da importância da Informação como algo que carrega valor. Os trabalhadores de informação substituem os trabalhadores produtivos ou diretamente envolvidos na produção de tais mercadorias. Pelo menos essa é a leitura que muitos fazem ao observarem que há mais trabalhadores na área de serviços do que na produção.

A Sociedade de Informações é uma sociedade contraditória. Ao mesmo tempo que ela nega a existência da mercadoria também valoriza a informação como mercadoria. A propriamente dita desaparece para dar a luz à informação sobre ela.

Informações no balcão. Insisto no balcão porque "uma coisa pode ser útil e produto do trabalho humano sem ser mercadoria. Para criar mercadoria, é mister não só produzir valor de uso mas produzi-lo para outros, dar origem a valor de uso social. E mais:"O camponês medieval produzia o trigo do tributo para o senhor feudal, o trigo do dízimo para a cura. Mas, embora fosse produzido para terceiros, nem o trigo do tributo nem o do dízimo eram mercadorias. O produto, para ser mercadoria, tem de ser transferido a quem vai servir como valor de uso **por meio da troca**. Finalmente nenhuma coisa pode ser valor se não é objeto útil. Se não é útil, tampouco o será o trabalho nela contido, o qual conta não como trabalho e, por isso, não cria nenhum valor" (MARX, idem p.47-8).

Esconder a mercadoria já faz parte dessa cultura informacional.

Fala-se muito em bens e serviços. Também em produtos. A Mercadoria mesmo só aparece para qualificar uma coisa: a Informação, agora sim, tida como a mais valiosa de todas as mercadorias. Matéria prima do processo produtivo, matéria prima da mercadoria "itself". Ora, ora. Gregos, latinos e medievos invadindo a Sociedade de Informações. Chamo isso de inversão aristotélica. Chamo isso de Idealismo absoluto, puro. Como metáfora vá lá. Informação, matéria prima da mercadoria. Mas eis que metáfora também atrapalha pelo que ela tem de simbólico, de metafórico. A gente acaba acreditando que o mundo não existe mesmo não. É que mais importante que o mundo são as informações sobre ele. A mesma inversão fizeram os gregos. Depois a Igreja Católica com a sobrevalorização da alma sobre o corpo. Vem, agora, a Sociedade de Informações, como Platão nos alerta da importância do conhecimento teórico, da importância da ciência, das universidades, da pós-graduação, do saber, enfim. Ora, mas quem duvida disso? Sabemos já que a ciência é importante. Sabemos já que diversão, religião, balé é arte também. Mas, por favor, sem negar o mundo. Sem negar a mercadoria e sem colocar a informação como a mais nobre dentre todas, porque, convenhamos, são todas iguais. Aliás, cínicas de nascença.

A Mercadoria, essa cínica de nascença

"Cínica de nascença, está sempre pronta a trocar corpo e alma com qualquer outra mercadoria, mesmo que esta seja mais repulsiva do que Maritornes" (MARX, idem p.95).

A mercadoria roda a bolsa até chegar a ser capital. Ela não sossega enquanto não se tornar capital pois ela já nasce com essa pré-destinação. Para isso ela se esforça; para lá ela tende. A mercadoria tende para o balcão, para o mercado. Irrestivelmente. Do contrário não seria mercadoria. Mas "não é com os pés que as mercadorias vão ao mercado, nem se trocam por decisão própria ... as

mercadorias vêm ao mundo sob a forma de valores de uso, de objetos materiais... é a sua forma natural, prosaica" (idem p.54). Tão logo elas deixem esse estado natural, as mercadorias realizam proezas fantásticas no troca-troca do balcão das sociedades onde habitam. A mesa do Marx dança (idem p.79). Desaparecem as pessoas e o mundo vira essa "imensa acumulação de mercadorias". As mercadorias adquirem vida própria, submetendo os homens às suas ordens.

As mercadorias existem, portanto, e existem para serem trocadas. Do contrário não seriam mercadorias. Toda troca é uma relação de igualdade. Uma coisa **vale** ou **equivale** a outra, possibilitando a troca. Na troca, trocamos coisas diferentes qualitativamente (diferentes valores-de-uso). Ninguém vai trocar um chapéu por ele mesmo. No mínimo por outro de tamanho diferente. Trocamos o tênis por um de número maior. Quando não por coisa complementamente diferente. Quando trocamos mercadorias uma pelas outras, dizemos que elas se **equivalem**, isto é, valem a mesma coisa. Se equivalem no fato de serem produtos do mesmo trabalho humano. Em algumas feiras, hoje em dia, mesmo de centros desenvolvidos como Nova York, Londres ou São Paulo, ainda conseguimos trocar nossas coisas diretamente por outras coisas, sem a intervenção do dinheiro. Sentimo-nos bem ao fazê-lo, porque a troca de valores de uso por outros valores de uso sem a interferência do dinheiro, faz aparecer as pessoas. Ainda que sem a sociabilidade da produção desses valores já que nenhum de nós os fabricou. Mas a coisa de "toma lá dá cá", baseado só nas necessidades traz de volta a nossa própria humanidade.

Em sistemas desenvolvidos de troca, fora das feiras e nos mercados propriamente ditos, as mercadorias não podem funcionar como equivalentes para si mesmas. Escolhe-se uma para funcionar como equivalentes geral. O dinheiro cumpre essa função, sendo ele também uma mercadoria. Mas o dinheiro só pode cumprir essa função depois de se legitimar socialmente como aquela mercadoria a desempenhar tal papel. A partir do momento que o dinheiro entra como mediador da troca das mercadorias, as mercadorias revelam o seu cinismo enrustido. A troca dividi-se em duas partes: a transformação

da mercadoria em dinheiro (venda) e do dinheiro em mercadoria (compra). Isso tudo é uma obviedade tal que, como diz Marx, aos profanos, pode parecer minuciosidades microscópicas sem importância, mas são as mesmas das ciências físicas e químicas. O **dinheiro vira capital** a partir do momento em que a **força de trabalho** converte-se em mercadorias para ...produzir mais mercadorias. Claro está que as mercadorias são produções humanas, são produzidas pelos homens. Trabalho, portanto, é **sine-qua-non** na produção de mercadorias, pois elas não vem ao mundo por geração espontânea. O trabalho, através da sua força-de-trabalho, cede a mercadorias o seu valor de uso, o seu valor de troca e o seu próprio valor porque a mercadoria é ao um só tempo valor de uso, valor de troca e valor propriamente.

“Vira e revira-se à vontade uma mercadoria: a coisa valor se mantém imperceptível aos sentidos” (MARX, idem p. 55). É por isso que a mercadoria é cínica de nascença; ela não adquire esse cinismo na adolescência quando flerta com as outras mercadorias no balcão da Sociedade de Informações. A mercadoria já nasce dizendo “sou mas quem não é”. Ela vem ao mundo valendo mais do que o valor que a força de trabalho lhe imprimiu. Perde o trabalho. Ganha a mercadoria, pois ela é trabalho não-pago e, por isso, dizemos, trabalho concentrado. Seja ela material ou imaterial, a mercadoria representa sempre e necessariamente trabalho não pago, isto é, trabalho assalariado.

Os últimos cinquenta anos desenvolveram a circulação de uma tal forma (créditos, marketing, propaganda, sistema financeiro) que produção e circulação das mercadorias já são processos bastantes interligados. É espantosa a velocidade das informações entre os dois processos e no interior de cada um deles. A Sociedade de Informações se reduz, na maioria dos seus aspectos, ao desenvolvimento da circulação de mercadorias (contabilidade, controle de estoques, mercadejamento) e ao desenvolvimento também da produção (ciência, pesquisa e desenvolvimento caem para o lado da produção das mercadorias). Pode, portanto, ser considerada uma sociedade cuja característica principal seja a aproximação entre os seus dois processos principais: produção e consumo.

Bruxaria na sociedade de informações: o f e i t i c h e d a s propriedades informacionais

Entendamo-nos numa coisa: a Informação é uma mercadoria como outra qualquer. Nem mais. Nem menos. É tão cínica quanto. A informação não é a mercadoria mais valiosa de todas porque, do ponto de vista social, as mercadorias são todas iguais, pouco importando o seu valor de uso.

Na economia da Sociedade de Informações, a questão do valor aparece como uma grande novidade: a informação é uma mercadoria dotada de valor adicional. A informação ganha valor à medida que caminha na esteira rolante da produção social.

Ora, se Informação é mercadoria, portanto valor, ela não pode sair por aí distribuindo valor às demais mercadorias porque a única mercadoria que confere valor ao produto chama-se força-de-trabalho. Força-de-trabalho que eu saiba, são as gentes que a possui. Esse ponto é vital (de vida) porque há também certa contradição nos autores que falam sobre a informação. Ora ela nos é apresentada como uma coisa. Ora como gente. E ela não é nem isso nem aquilo. Informação é processo e processo social. Há um milhão de autores da nova Sociedade de Informação querendo deduzir o valor da informação pelo valor-de-uso, isto é, pelo seu valor qualitativo, apesar de que Marx explicou, há 150 anos atrás, que o valor de uso não é objeto de análise para a Economia Política. Apesar de que o uso é pressuposto do valor de troca. O mistério da mercadoria não está no seu valor de uso. Está no seu valor de troca. E só na medida em que o valor de troca carrega o valor propriamente. Valor é trabalho.

São milhões de autores a nos contar acerca da impalpabilidade, intangibilidade e imensurabilidade da informação. Ora, pouco importa se é duro ou mole.

Se trabalho é coisa de gente, em relação de produção capitalista, trabalho é coisa de gente explorada. As mercadorias só se enxergam pelo seu valor-de-troca, isto é, o seu preço. Os homens também as enxergam pelo preço porque o preço, afinal, nos diz quanto da nossa mercadoria dinheiro será necessária para trocarmos com tênis, bolacha, matrícula escolar e curso de atualização. Mas o

preço não é ainda o valor. O preço é valor-de-troca. Variável, portanto, no jogo da oferta e procura. Não é na circulação de mercadorias que é produzido o seu valor. Mesmo com toda a barganha, os descontos, as liquidações e os preços de ocasião. A transformação do dinheiro em capital "sucede na esfera da circulação e não sucede nela... Por intermédio da circulação, por depender da compra da força de trabalho no mercado. Fora da circulação, por esta servir apenas para se chegar à produção da mais valia, que ocorre na esfera da produção" (idem, p.219).

O preço das mercadorias esconde as relações sociais dos vários homens que participam da sua fabricação. No preço do tênis que compro no "Shopping" estão os trabalhadores não citados: o seringueiro da sola do tênis, o plantador de algodão, tecelão e operários da fábrica bem como embaladores, lojistas e balconistas, cada um desses profissionais se relacionam entre si e comigo que comprei o tênis: "Qual o poder mágico que possui a mercadoria para conseguir esconder tantos homens?" (SEGNINI, 1984:34).

O fetiche da mercadoria provém dessa mesma forma, diz Marx. O fato dela ser mercadoria a ter essas formas todas (valor de uso, valor de troca e valor) vai confundindo, na consciência dos homens, valor de uso com valor de troca, confundindo também valor de troca com valor (duração ou tempo de dispêndio da força de trabalho) e, o pior, vai tornando as coisas valiosas por suas próprias características, como se o valor fosse uma qualidade objetiva da mercadoria. E não das gentes. O fantasma das propriedades aparece para quase todas as mercadorias.

Da informação se diz muitas coisas, inclusive que ela não se sujeita às leis da Termodinâmica (CLEVELAND, 1985). Quebra? Há tantos atributos quantos são os autores. Para a Teoria Matemática, Informação é ordem, elemento de organização. Para os pós-industrialistas, ela é matéria-prima do processo produtivo. Outros a têm compreensiva, peculiar e penetrante mas também substituível, transportável, expandível e partilhável (idem). Restrospectiva, seletiva, dispersa, atual ou obsoleta, derivada, concentrada, dispersa, resumida, relevante, redundante ou por pacotes. São essas várias possibilidades do Ser que faz crer aos modernos sobre a distintividade do Ser em

relação aos demais seres. Quanto vale? Vale quanto pesa? Vale en(quanto) dura? A versatilidade da mercadoria aumenta só o seu valor de uso. Bombril também tem mil utilidades! O uso na Ciência da Informação chega a ser anedótico. A Ciência da Informação põe o uso no microscópio da ciência e aí descobre mais usos; são as famosas tipologias: uso, demanda, necessidade e desejo (LINE, M.B. 1974 e ROBERTS, N. 1975).

Há tentativas bem encaminhadas em relação à teoria do valor da informação, mas todas vem de autores de fora da Ciência da Informação. Valor é coisa social e parece que ciência não se dá a certas sociabilidades. SCHILLER (1988) é melhor que MULGAN (1991) e ambos infinitamente melhores do que os que não conseguem sair do valor de uso, predicando-o, inclusive, de valor ancilar (BATES, 1988).

Estamos em condição de dizer agora: o valor da informação não deriva dos seus atributos supostamente inerentes, mas, unicamente da sua transformação em mercadoria e, como tal, igualzinha às demais, para cuja produção são necessários salários e mercados, como bem lembra SCHILLER (idem p.41). Claro que toda a peculiaridade de uma sociedade predominantemente balconista.

II. SOCIEDADE DE INFORMAÇÕES: Sociedade do trabalho

Várias questões necessitam desdobramento. A mais integrante é considerarmos, de saída, a informação como trabalho. Seja ICT seja CTI. Não importa se informação científica, comercial ou industrial porque, ao final, é tudo serviço, isto é, trabalho. Discuti acima, didaticamente, a seguinte sequência: Informação é mercadoria. Mercadoria é valor de uso, valor de troca e valor propriamente dito. Valor é trabalho. Trabalho é coisa de gente. É aí que a porca torce o rabo porque se informação é mercadoria e mercadoria é trabalho, estou a um passo de dizer que informação é trabalho. Portanto, a Sociedade de Informações é uma sociedade do trabalho. Com isso quero atacar o idealismo filosófico quer da Sociedade de Informações, tal como ela vem sendo cantada pelos pós-industrialistas, quer da própria Ciência da Informação. Tal como ela vem sendo cantada pelos pós-industrialistas, bem como da ciência enquanto tal.

A Sociedade pós-moderna caracteriza-se pela informatização no processo de produção da vida social, seja na área industrial, seja na de serviço, seja na agricultura. A informatização objetiva aumentar a produtividade e, com isso, a riqueza das nações. A Sociedade de Informações, por produzir melhor, é mais rica do que a Sociedade Industrial. E o mais interessante: a automatização leva, no limite, ao desaparecimento do trabalho físico. Para que lavar, passar e cozinhar? A cozinha automatizada dispensa a empregada porque junto com o trabalho físico desaparecem também os trabalhadores manuais. Sobra o quê? Sobra o trabalho intelectual que coordena o micro-ondas, a lavadora de louças e o frizer: a coisa de apertar e desapertar botões. Dependendo da complexidade dos botões, alguns são apertados por engenheiros especializados, outros por técnicos adestrados, outros por donos e donas de casa. Botão de usina nuclear, aperta o engenheiro; botão de robô-que-faz-carros aperta o japonês; botão de rosa, Humberto Eco e assim por diante. O mundo no leve tocar de dedos. É esta insustentável leveza do ser que caracteriza a Sociedade de Informações: a leveza e a brancura. Não há mais fumaça nem o apito da fábrica de tecidos a ferir nossos ouvidos. Nem se anda mais em locomotivas ou se pensa no carvão que as loco(movia).

Se a Revolução Industrial representou a força física do homem sendo substituída pela máquina, IGLESIAS (1981), DECCA (1982), SCHAFF (1990), sendo a máquina um prolongamento do corpo, MARX (1857), a Revolução que vivemos agora é a revolução da cabeça, a parte superior do corpo. Informação se dá na cabeça. A pós-modernidade ou o pós-industrialismo lida com a ampliação da mente através dos estudos do funcionamento da mente humana a fim de se criar a inteligência artificial. É por isso que o cenário pós-moderno é essencialmente cibernético-informático e informacional. "Nele, expandem-se cada vez mais estudos e as pesquisas sobre a linguagem, com o objetivo de conhecer a mecânica da sua produção e de estabelecer compatibilidade entre linguagem e máquina informática" (LYOTARD, p.vii).

A sociedade de Informações é, portanto, uma sociedade inteligente. Sociedade de pensantes. Sociedade pós-graduada. Dita

científica. Endosso tudo isso porque esse movimento é real. O que falta dizer é que nem por isso a Sociedade de Informações deixa de ser uma sociedade produtora de mercadorias (ponto a que me referi extensamente na análise dos referidos balcões). E impõe-se agora dizer, que nem por isso a Sociedade de Informações dispensa o Trabalho, razão pela qual digo, no subtítulo desse artigo, que a Sociedade de Informações é uma sociedade do trabalho. Se no tópico dos balcões tentei repor a mercadoria no cenário pós-industrial, nesse, reponho o trabalho produtor de mercadorias. Não seria necessário repor o óbvio não fosse a insistência dos futurólogos em negá-lo. NAISBITT (1991) chega a propor prêmio Nobel para quem substituir a teoria do valor-trabalho de Marx pela teoria da informação. Claramente trata-se de uma substituição: a informação desloca o trabalho na linha do botão, da mente, do toque dos dedos; seja para fabricar carros seja para esquentar comida: a mente move a mão tipo entortar garfo com o olhar. Até o materialismo vulgar do século XVIII é melhor que essa absurda idealização por que passa a pós-modernidade. O idealismo absoluto de Hegel aqui cai de colher: o real é o racional e o racional é o real.

Se na pós-modernidade, ciência é um certo modo de reunir informações e já estou considerando que informação é trabalho, é fácil aceitar com PINTO (1979, p.217) a concepção da pesquisa científica como trabalho, uma vez que todo trabalhador é um cientista. Dos clássicos falta mencionar BRAVERMAN (1979, p.52) quando cita Engels na passagem da mão: a mão não é apenas o órgão do trabalho, é também produto do trabalho. Primeiro o trabalho; de acordo com ele é então com ele, a fala". A fala é informação. Informação é trabalho intelectual; é a parte subjetiva do trabalho. O trabalho é um só, com características objetivas e subjetivas. No trabalho de GRAMSCI (1982, p.6,7) até o gorila amestrado pensa. Isto quer dizer que até no trabalho físico mais degradante existe um mínimo de atividade intelectual criadora. O trabalho como atividade criadora (seja manual seja intelectual) é toda a obra de VASQUEZ (1977) e PINTO (1979). Dos futurólogos, SCHAFF (1991) é quem inspira mais respeito ainda que excessivamente otimista. Reflexões mesmo sobre o trabalho faz GIANOTTI (1975); BRAVERMAN (1979) analisa a degradação do trabalho no século XX. Marx (1857) é sem

dúvida alguma o grande teórico da Revolução Industrial, inspirador de todos quantos citei acima sobre o trabalho. Constrói, inclusive, toda a sua teoria baseado no trabalho essa "condição necessária do intercâmbio **material** entre o homem e a natureza... condição natural eterna da vida humana a todas as formas sociais".

O Trabalho é um só

Trabalho intelectual ou manual?

A sobrevivência da informação nesse final de século deixa a gente com a pulga atrás da orelha. Por que só agora na entrada do século XXI vieram os homens tomar conhecimento dessa coisa, dando-lhe nome e elegendo-a deusa do Olimpo? Fonte de todas as fontes, matéria prima do processo produtivo, mercadoria por excelência da pós-modernidade, onde estavas Tu óh Deusa, em tempos passados, se a própria Biblioteca vem, desde o Olimpo acompanhando os homens... guardavas-te por acaso em algum arquivo secreto que livro nenhum era capaz de desvendar-lhe o valor? Brincaste assim sorrateira pelos séculos afora que até 1950 tudo o que se fez foi sem ciência, sem conhecimento e sem informação?

A condição humana de poder pensar causa aos humanos as maiores confusões pois alguns pensantes pensam que pensar é a essência da vida. Daí a expressão de combate "de pensar morreu um boi". Mas cuidado. Pensar com as mãos, de forma articulada foi moda só nos séculos passados. O nosso século quer abreviar as dores do parto. "Está definitivamente excluído os grandes relatos" (LYOTARD, idem p.111). Profundidade análítica cansa os homens do século XX. Há que abreviar o relato, abreviando, assim, o Trabalho. A ponto de eliminá-lo.

"Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza" (MARX, 1890, p.202). Marx prossegue: "Defronta-se (o homem) com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça

e mão, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza... Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza" (idem).

São passagens bonitas essas sobre o trabalho. Porque em primeiro lugar a questão material da existência fica ali bem evidenciada. Existência material, fundamentalmente. De cuja qual a informação é parte. A informação, a mente, a espiritualidade, a síntese teórica da ciência, a intelectualidade, o pensar vem como **resultado** da interação **material** do homem com a natureza. Ciência é resultado. Teoria vem depois. O ponto de partida é importante. Importantíssimo. Aí estão as bases do materialismo histórico. Até nosso corpo é resultado dessa interação histórica que não cessa... O pôr em movimento corpo, braços e pernas, cabeça e mãos modifica a natureza, modificando também nossa própria natureza. "Não se trata de formas instintivas, animais de trabalho. Quando o trabalhador chega ao mercado para vender sua força de trabalho, é imensa a distância que medeia entre sua condição e a do homem primitivo com sua forma ainda instintiva de trabalho" (idem). Trata-se já de um homem desenvolvido, um homem que trabalha segundo finalidades, projetos, "planejamento estratégico". Essa característica do trabalho humano de ser a um só tempo pensado e executado distingue-o de qualquer outra atividade. É trabalho, essa atividade intelectual criadora. Trabalho, essa atividade espiritual materializada. Trabalho, a um só tempo teórico-prático.

São três os elementos do processo de trabalho: "1º a atividade adequada a um fim, isto é o próprio trabalho; 2º a matéria a que se aplica o trabalho, o objeto do trabalho; 3º os meios do trabalho, o instrumento do trabalho" (MARX, idem p.202). O instrumental do trabalho é importantíssimo porque através dele temos acesso ao modo de vida das sociedades. Facas, carruiolas e outros artefatos são tão importantes para determinar as épocas passadas quanto os ossos dos animais. A determinação da idade das culturas pelo instrumento de trabalho é a um só tempo o desvelamento das condições técnicas e, mais importante, das condições sociais em que se realiza o trabalho. "O que distingue as diferentes épocas econômicas não é o que se faz, mas como, com que meios se faz" (idem, p.202). Ora, só com informação não dá para fazer. Informação

é parte do processo de trabalho. Por isso os pós-industrialistas a classificam hoje como "fator de produção". Fator de trabalho. Informação é fator, isto é, meio ou instrumento de trabalho para todos os trabalhadores, sejam manuais ou intelectuais; é somente para o particularíssimo caso dos trabalhadores de informação que a informação pode ser considerada objeto de trabalho, a matéria a que se aplica o trabalho.

Sociedade inteligente ou sociedade burra?

Se o instrumento de trabalho é algo tão importante que até é capaz de revelar sistemas sociais e suas relações internas, ele não é nunca apenas um instrumento técnico; o instrumento de trabalho é o instrumento de construção das relações sociais. O trabalho é a própria sociabilidade. Os seus instrumentos são sempre e necessariamente instrumentos técnico-sociais. Indico PINTO (1977) e VASQUEZ (1977) para a análise da sociabilidade dos instrumentos de trabalho. Até porque o discurso pós-moderno só se legitima por citações, mais do que por explicações. Citações bibliográficas, divisão do trabalho e propriedade privada são expressões idênticas. A frase é do próprio Marx n' **A Ideologia Alemã** (p.38-9). As citações entram aí como colaboração do pós-moderno... Divisão do pós-moderno. Divisão do trabalho é nosso próximo assunto.

A separação do trabalho entre a sua parte intelectual e a sua parte material/manual é uma separação que vai se dando ao longo dos últimos séculos à medida que vai se consolidando também a propriedade dos instrumentos do trabalho. É por isso que no texto das ideologias Marx sai com essa frase tão importante sobre a identidade da propriedade privada com a divisão do trabalho. Ora, a propriedade é primeiro sobre os instrumentos ou meios do trabalho e depois, como consequência, propriedade sobre os frutos ou resultados do trabalho. O importante nessa análise é que as características dos instrumentos de trabalho não são nunca "inerentes" a eles mesmos. São características sociais. Os instrumentos são trabalho realizado e, por isso, capital. Uma vez incorporado o trabalho nos instrumentos de produção, chamamo-lo trabalho morto em oposição ao trabalho vivo

que toma parte diretamente na produção. O ideal que busca o capitalismo é a dominação do trabalho morto sobre o trabalho vivo, isto é, o domínio da máquina sobre o homem. Dissemos no início que a Revolução Industrial, ao inventar as máquinas, transferiu a força física do homem para o mecanismo. A Revolução Eletrônica transfere para o automatismo a força intelectual. Pois ela aperfeiçoa a maquinaria, automatizando-a. Ao mesmo tempo que a sociedade de informações é por isso considerada uma sociedade inteligente, contraditoriamente, ela é também uma sociedade burra, pois, desaloja a atividade pensante, inteligente e criativa dos homens do processo produtivo. Ao aperfeiçoar a maquinaria, automatizando-a, a Sociedade de Informações aprofunda a divisão do trabalho, desqualificando os trabalhadores e desempregando-os. Por isso é que BRAVERMAN subintitula o seu livro "a degradação do trabalho no século XX" e RATTNER (1985, p.99) escreve "a máquina desemprega o homem".

Numa sociedade onde impera o trabalho intelectual, a desqualificação passa a se reproduzir dentro do próprio trabalho intelectual, onde a grande maioria dos trabalhadores de escritório, incluindo os de informação, são também submetidos à permanente desqualificação.

O objetivo da maquinaria (seja mecânica seja eletrônica) não é, como lembra Marx, aliviar o esforço físico dos homens mas é aumentar a produtividade e com isso gerar mais-valia que então se transforma em capital. O que as duas revoluções têm em comum é exatamente o fato de substituírem mão de obra por capital. "O instrumento de trabalho, ao tomar a forma de máquina, logo se torna concorrente do próprio trabalhador (MARX, 1890, p.492)... na manufatura e no artesanato, o trabalhador se serve da ferramenta; na fábrica, serve à máquina... (p.483)... o trabalhador é posto fora do mercado como papel-moeda retirada da circulação (p.494)... o instrumento liquida o trabalhador (p.494)... A máquina não é apenas o concorrente todo-poderoso do trabalhador, sempre pronta a tornar supérfluo o assalariado. O capital alerta e, tendenciosamente, proclama-a o poder inimigo do trabalhador..." (p.499).

As tecnologias, portanto, são dirigidas e direcionadas para acumulação de capitais. Estão comprometidas com o capital. É claro

que o aperfeiçoamento da maquinaria tem de representar a degradação do trabalho em relações capitalistas da produção social. Degradação que no caso significa desqualificação. Distância entre trabalho intelectual e trabalho manual. A habilidade do especialista individual desaparece diante da ciência incorporada na maquinaria (Marx, p.484). BRAVERMAN exemplifica a desqualificação com a indústria da construção, a produção de mobília, a indústria de carne enlatada, a indústria de roupas e a composição tipográfica (p.180-2) mas a desqualificação do mecânico especializado de usinagem é de doer: "... se leva quatro anos para dar a um mecânico seu preparo básico; um operador do tipo exigido pela máquina numericamente controlada pode ser preparado em quatro meses. A experiência prova isso" (p.175). Essa desqualificação da grande maioria de trabalhadores significa qualificação de uma minoria, aquela minoria que vai operar os botões da Sociedade de Informações. Por isso, escreve Marx, "...desenvolve-se plenamente o trabalho de supervisão dividindo-se os trabalhadores em trabalhadores manuais e supervisores de trabalho" (p.485).

Área de serviços: trabalho duro ou lazer?

As leituras sobre o crescimento do setor de serviços quando comparadas com os setores agrícolas e industriais são leituras até certo ponto problemáticas. É visível a urgência dos pós-industrialistas em verem consolidada a Sociedade de Informações na praça dos serviços. Que os serviços já atingem mais de 50% do P I B em nações desenvolvidas e mesmo no Brasil é incontestável. Chamar a sociedade toda uma sociedade de informações já é exagero justificacionista para acelerar a absorção da maquinaria eletrônica nas relações de produção. A definição de serviços é problemática porque muito ampla: vai desde serviços domésticos (limpeza, conservação, pequenas instalações e reparos, consertos em geral) até menos domésticos como serviços imobiliários, de entrega, de transporte, serviços de seguro, saúde, bancários, serviços de lazer (turismo, hotéis de lazer, vôos charters, etc.). Serviços de consultoria jurídica ou de automação, sem falar nas bibliotecas e sistemas de informação.

Os serviços têm certas peculiaridades difíceis de serem negadas: são mais intangíveis do que tangíveis; são simultaneamente produzidos e consumidos e de difícil padronização. Não podem ser protegidos por patente. A queixa mais comum é que é difícil estabelecer o preço dos serviços.

Os serviços que são informação-intensivos como os serviços de banco, comunicações, processamento de dados, propaganda, turismo, ou mais especificamente de informação como as bases de dados comerciais, financeiras ou de informação bibliográfica têm tido participação cada vez maior no comércio internacional e no nível de emprego das nações desenvolvidas. Uma nova disciplina nos meios acadêmicos desenvolvidos está surgindo nesses últimos dez anos chamada Gerência de Recursos Informacionais cujo objetivo é o de considerar a Informação como uma fonte de riqueza, tanto quanto o Capital e o Trabalho. Não só. A informação está sendo vista como a mercadoria mais valiosa de todos os tempos. O lado imprescindível da acumulação de capitais. O assunto está de alguma forma desenvolvido no tópico da política econômica da informação em MOSCO & WASCO (1988) e tem ligação direta com o valor da informação. A teoria do valor é central na Economia Política. Para os trabalhadores de informação interessa para sabermos em que medida a sociedade de informações cria a riqueza das nações. Mais particularmente entendermos a estrutura de trabalho do pessoal de informação em termos de qualificação, salário, status, degradação ou elitização. Já que informação gera riqueza, porque a maioria dos trabalhadores dessa sociedade são pobres? Há sentido em separar os trabalhadores por ocupação ou por setor da economia? A afirmação de BRAVERMAN torna-se pergunta para nós; como se dá a qualificação/degradação do trabalho no século XXI dentro de uma estrutura de trabalho e capital monopolista? SCHAFF (1985) e RATNER (1985) têm respostas diferentes em seus excelentes textos. A discussão contraposta de ambos enseja outro artigo.

Para mim fica problemática a maneira como os pós-industrialistas forçam a venda da Sociedade Pós-Industrial: uma sociedade sem indústrias, sem mercadorias e sem valor (portanto sem exploração do trabalho). Ou têm-se marchas graduais e

excludentes (cujo desfile secular começa na agricultura, passa pela indústria velha de guerra até desembocar na praça dos serviços); marchas retas, lineares e sem volta; ou têm-se avalanches na forma de ondas (TOFLER, 1980): a onda vem com tanta força que destrói tudo, inunda as plantações e depreda todas as fábricas. Sobram só os serviços para gerar a riqueza das nações. Informação, "vento que balança as ondas do mar... diga por favor, aonde se escondeu o meu amor".

Uma coisa ainda precisamos resolver: de onde vem, afinal, a riqueza das nações?

Apesar de não ser fácil responder isso (a Economia Política tenta há pelo menos 300 anos), é bom, pelo menos pensarmos no assunto com apenas um propósito: em que medida a Sociedade de Informações participa da criação de riqueza?

Todos conhecem a fórmula do Capital que a gente chama de D linha, isto é, D'. Capital não é dinheiro, mas é dinheiro "em linha" na Sociedade de Informações. A época de Marx também já era em linha e são famosas as equações de Marx a respeito. Quando usamos o Dinheiro apenas para mediar nossas compras, o D de Dinheiro aparece no meio de duas Mercadorias: M-D-M (Mercadoria-Dinheiro-Mercadoria). Essa é a fórmula da simples troca de mercadorias. Por que simples? Simplesmente porque levamos nossa mercadoria ao mercado; lá a vendemos; lá mesmo usamos o dinheiro da venda para comprar outra. M-D-M é a fórmula que descreve a venda e a compra de mercadorias, num processo simples de troca. O dinheiro, nessa situação, não domina o processo de circulação; ele aparece e desaparece no processo. O processo começa com a mercadoria, passa pelo Dinheiro e termina em outra Mercadoria (naturalmente que de natureza diferente da que tínhamos pois ninguém vai trocar um tênis por ele mesmo). Há muito sentido, portanto, trocarmos nossas mercadorias por outras de que necessitamos mais. E isso foi assim por muito tempo. Se com nosso dinheiro compramos mercadorias e voltamos a vendê-las, o processo de troca transforma-se em D-M/M-D que, simplificando dá D-M-D. Ora, trocar D por D não tem sentido qualitativamente. Só tem sentido quantitativamente. Da mesma maneira que ninguém troca um tênis por ele mesmo,

também não se troca um nota de 100 por ela mesma. A questão da Economia Política como um todo é como aparece o D linha. Equivale a dizer: De onde vem, afinal, a riqueza das nações? D linha é capital, é dinheiro valorado, é dinheiro que cria mais dinheiro.

O objetivo da circulação M-D-M é o consumo de valores de uso diferentes. Já a circulação D-M-D tem no dinheiro o começo e o fim do processo; como o dinheiro não tem cor, a circulação D-M-D só tem sentido se D voltar em linha.

A mercadoria, na sua função social, além de ser valor de uso, é valor e, como tal, equivalente a todas as outras mercadorias. São todas iguais, socialmente. Tanto mais quando aparece o dinheiro que é uma mercadoria particular, cujo valor de uso consiste em ser precisamente valor de troca.

Marx diz, ao iniciar **O Capital**, que iniciaria pela análise da mercadoria, por ele considerada, a célula da riqueza das nações. O Capital mesmo só vai aparecer na análise de Marx, no quinto capítulo. Por uma questão de ordem. Ordem lógica e histórica. Porque, para Marx, a simples troca de mercadorias (M-D-M) não configura uma sociedade capitalista mas apenas mercantil; a produção de mercadorias só se generaliza e domina a produção social quando o próprio trabalho torna-se também uma mercadoria (isso é importante para análise dos trabalhadores de informação; a expressão "Mercado de Trabalho" é, por isso, cheia de sentido).

A mercadoria, isto é, o valor é pressuposto do capital. Mas é só o capital que **generaliza** a produção mercantil, fazendo-a abarcar todas as esferas da produção social. A produção de mercadorias vai aparecendo, historicamente, em "pontos isolados" até que, na sociedade onde rege a produção capitalista, a riqueza das nações se explica por uma enorme acumulação de mercadorias (essa é a frase com que Marx inicia **O Capital**). Se a mercadoria e o dinheiro são pressupostos do Capital, são também consequência pois se a mercadoria não existisse já, o trabalho não poderia tornar-se mercadoria. Mas só quando o trabalho se torna mercadoria é que os produtos podem, na sua generalidade, ser mercadorias.

A forma como o Capital influencia a produção de mercadorias passa para Marx por fases históricas distintas, na cooperação, na manufatura e finalmente na grande indústria. Tem sentido agora dois advérbios empregados por Marx na sua primeira frase n'O Capital: a riqueza das nações **onde** rege a produção capitalista está na análise da mercadoria e a mercadoria **isoladamente** considerada é a cédula dessa riqueza. A mercadoria isoladamente considerada é valor de uso e valor de troca. A mercadoria relacionadamente considerada na produção capitalista é valor. Na sociedade mercantil simples (primórdios do capitalismo), a troca de mercadorias facilitada pelo dinheiro é uma troca de iguais. É a imagem ideal de igualdade. Sociedade de iguais. Todos os trabalhadores são igualmente proprietários. Iguais também são as mercadorias trocadas. Portanto é igual o trabalho contido nas mercadorias trocadas.

A passagem da economia mercantil para a economia capitalista transforma a força de trabalho em mercadorias. A sociedade de informações apenas alarga essa mercantilização da força de trabalho; o capital, para se expandir, abarca novos ramos da produção social; a área de serviços se expande. Mas não a ponto de virar lazer. Serviços são serviços e como tal trabalho. A área de serviços é também área de trabalho. É também mercado de trabalho, onde se compra e se vende a mercadoria-força-de-trabalho. A sociedade de informações é uma sociedade mais do que nunca produtora de valor, isto é, produtora de mercadorias. Din...dom... Avon chama Daniel Bell. Onde, então, a sociedade pós-industrial ou pós-mercadoria? Bell ou qualquer dos seus epígonos ainda não disseram mas está por pouco: a Sociedade de Informações é uma sociedade pós-graduada (de pós-graduação mesmo). O idealismo filosófico resiste por esses séculos afora (MOSTAFA, 1985, p.81-118).

O surgimento do anti-valor, da anti-mercadoria, que parecia estar despontando pelo padrão de financiamento público da economia capitalista através do Estado Providência dos últimos cinquenta anos (OLIVEIRA, 1988), caminha por esses anos noventa, outra vez, livre e neo-liberalmente atrás do valor. Dá-lhe valor. Dá-lhe mercadoria. Material ou imaterial. É tudo igual. Todas concorrem para o capital.

Pois para o capital, não importa nem o setor de trabalho (se agrícola, industrial, de serviços ou informacional) e nem a particularidade de cada trabalho dentro de cada setor (se trabalho do marceneiro, padeiro, bailarino, editor, bibliotecário, vendedor, juiz, prostituta ou executivo). Para o capital o que vale é o trabalho abstrato, esse que amplia o Capital. Se Capital ou Trabalho são os dois pólos contraditórios da sociedade capitalista, são também a sua identidade: o capital, seja qual for a sua forma, como dinheiro ou mercadorias ou meios de produção, o capital é trabalho. E o trabalho é capital (a parte animada do capital). "Se você vai para a cozinha e, com farinha, leite, ovos, fermento e manteiga faz um pão e o consome, o seu trabalho produziu um valor de uso para você e seus amigos. Porém, quando o padeiro produz a mercadoria pão para transformá-la em valor de troca e vender a sua freguesia, a força-de-trabalho despendida pelos empregados de sua padaria tem outras características: não é mais trabalho útil e concreto de homens que fazem este ou aquele pão que é levado em conta. Mas é o trabalho homogêneo de todos os empregados, juntos, tomados de uma forma abstrata e geral e revelada sob a forma da mercadoria pão, que será considerada. O pão, como mercadoria, também sofre uma transformação: de valor de uso nutritivo (leite, ovos, etc.) adquire um valor de troca, onde o que vai ser levado em consideração é a sua possibilidade de proporcionar lucros"! (SEGNINI, 1984, p.16-7).

Um serviço, como observou Marx, é nada mais do que o efeito útil de um valor de uso, seja ele mercadoria ou trabalho. Quando os efeitos úteis do trabalho não tomam a forma de objetos, é porque aquele trabalho está sendo oferecido diretamente ao consumidor. Os próprios efeitos úteis do trabalho transformam-se em mercadorias.

Para o capitalista o que importa não é, portanto, uma determinada forma de trabalho mas unicamente sua forma social. "...o capitalismo é indiferente à determinada forma de trabalho; não lhe interessa, em última instância, se emprega trabalhadores para produzir automóveis, lavá-los, repintá-los, abastecê-los de gasolina e óleo, dirigi-lo como contrabando, estacioná-los ou convertê-los em sucata. O que lhe interessa é a diferença entre o preço que ele paga

por um agregado de trabalho e outras mercadorias, e o preço que recebe pelas mercadorias - sejam bens ou serviços - produzidos ou prestados... a distinção entre mercadorias sob a forma de serviços só é importante para o economista ou o estatístico, não para o capitalista" (BRAVERMAN, idem p.305).

No fundo é o balcão (ou a mesa) que aproxima o cliente do serviço prestado. No exemplo de BRAVERMAN (idem, p.304) a diferença do trabalho em restaurante e do trabalho na produção industrial de alimentos é a presença do balcão ou da mesa.

Se assim é, de onde vem a riqueza das nações?

Cada século responde que vem de um um lugar, dependendo da proeminência do setor naquela época. Os mercantilistas do século 15 ou 16 achavam que a riqueza viesse dos metais preciosos à moda do Tio Patinhas; os fisiocratas do século XVII e XVIII achavam que a riqueza vinha da terra, baseados na tese de que a terra dá em dobro o que nela se plantar. Donde a proeminência da agricultura; os industrialistas defendem o valor na indústria, nos manufaturados. Já os pós-industrialistas enaltecem a área de serviços para deduzir, de lá, a riqueza das nações.

Dois questões estão sempre presentes na fala dos pós-industrialistas: 1) a glorificação dos balcões (dos serviços) como a característica da produção em nossa época. Balcão eletrônico, claro. 2) Glorificação feita, invariavelmente, na forma de "marcha os setores". A marcha começa na agricultura, onde desfila por séculos afora; passa pela indústria velha de guerra até chegar na praça dos serviços onde tudo é valor. O passo é progressivo (de progresso), reto e irreversível. Chegando no serviço, o que ficou para trás é velho, antigo e desnecessário. Um setor desloca o outro lembrando o princípio Arquimedes (a ironia é de LYON, 1988, p.50). Ora, tudo isso é percurso apressado demais. Não é verdade que os setores estejam tão separados, apesar de haver predominância de uns sobre os outros; a tendência que vemos mais e mais é a erradicação da distinção entre as formas do trabalho, as quais, no cômputo geral, entram como trabalho geral ou abstrato. No balcão, as formas de trabalho desaparecem totalmente sob a forma valor. No balanço das ondas, como no balanço das empresas, o que importa é o valor.

Keywords: Information society. Value of information. Political economy of information. Commodities.

SUMMARY

MOSTAFA, S.P. Pos doctorate: one reading trajectory, 1991, London. **Transinformação**, 3 (1,2,3) - 1991.

Political economy of information is analysed within marxist theory of value. Against the ideology of post-industrial society, the author concludes that the value of information is not derived from its inherent attributes as a resource but uniquely from its transformation into a commodity. Categories such as use, demand, want or desire are not useful to derive the value of information.

Keywords: information society, social transformation, information use.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATES, B.J. (1988) Information as an economic good: sources of individual and social value. In: MOSCO & WASCO, **The political economy of information**. Nadison, University of Wisconsin Press, cap.4: p.77-94.
- BELL, D. (1974) **O advento da sociedade pós-industrial**. São Paulo, Cultrix.
- BRAVERMAN, H. (1974) **Labour and monopoly capital: degradation of work in the twentieth century**. N.Y.: Monthly Review Press.
- CLEVELAND, H. (1985) Apud SCHILLER, D. (1988) How to think about information. In: MOSCO & WASCO. **The political economy of information**. Madison, University of Wisconsin Press.
- DECCA, E. de. (1982) **O nascimento das fábricas**. São Paulo, Brasiliense. (Col. Tudo é História, 51)
- GIANOTTI (1966) **Origens da dialética do trabalho**. São Paulo, Difusão Européia do Livro.

- GRAMSCI, A. (1982) **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- IGLESIAS, F. (1981). **A revolução industrial**. São Paulo, Brasiliense (Col. Tudo é História, nº 32).
- LINE, M. (1974) Draft definition: information and library needs, wants and uses. **ASLIB Proceedings**, v.26(2)
- LYON, D. (1988) **The information society: uses and illusions**. Cambridge: Polity Press.
- LYOTARD, J.F. (1979) **O pós-moderno**. Rio de Janeiro, José Olympio.
- MARX, K. (1857) **O capital**. São Paulo, Difel, 1982, v.1, Livro 1.
- _____. (1974) **La ideologia alemana**. Barcelona, Grigallo.
- MOSCO & WASCO (1988) **The political economy of information**. Madison: University of Wisconsin Press.
- MULGAN (1990) **Communicative values**. cap.8: 165-83.
- NAISBITT, J. (1991) Entrevista na revista VEJA, dez. 1991, páginas amarelas.
- PINTO, A.V. (1979) **Ciência e existência**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- RATTNER, H. (1985) **Informática e sociedade**. São Paulo, Brasiliense, p.99-122.
- ROBERTS, N. (1975) Draft definitions: information and library needs, wants, demands and uses: a comment. **ASLIB Proceedings**, 27(7).
- SCHAFF, A. (1991) **A sociedade informática**. São Paulo, Brasiliense.
- SEGNINI, L. (1984) **O que é mercadoria**. São Paulo, Brasiliense. (Col. O que é).
- SCHILLER, D. (1988) How to think about information. In: MOSCO & WASCO. **The political economy of information**. Madison: University of Wisconsin Press.
- TOFFLER, A. (1980). **A terceira onda**. Rio de Janeiro, Record.
- VASQUEZ, A.S. (1977) **Filosofia da praxis**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.